

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

25

CH
CENTRO DE HISTÓRIA



MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

O volume remata com uma lista dos monarcas contemporâneos de Assurbanípal (pp. 145-146), onde constam reis de Babilónia, do Egito (Taharka e Psametek I, tendo faltado no meio Tanutamón), do Elam, de Judá (devendo aqui ser emendadas as datas do reinado de Josias: 640-609 e não 640-639) e de Urartu, completada na p. 147 com a cronologia, a qual vai desde o período assírio antigo (c. 2000-1750 a. C.) até à morte de Assurbanípal, ocorrida em 627 a. C. (contradizendo a data indicada no prólogo por Lara Peinado, que refere o ano 630 a. C.). Seguem-se as referências a tratados internacionais assinados no reinado de Assurbanípal, de acordo com as fontes assírias (p. 149), mais os tratados domésticos de 672 a. C. (promoção de Assurbanípal e de Chamach-chumukin) e de 669 a. C. (ascensão de Assurbanípal ao poder supremo na Assíria). Finalmente, na p. 151 constam algumas fontes epigráficas, e na p. 153 a genealogia dos últimos reis da Assíria, desde Sargão II a Assuretelilani e Sinchariskun, filhos de Assurbanípal.

Segue-se a bibliografia (pp. 155-167) e um apêndice bibliográfico (pp. 169-171), as ilustrações (pp. 173-181) e o índice geral (p. 183), fechando uma obra que será útil para estudantes e público em geral.

Luís Manuel de Araújo

Universidade de Lisboa, Centro de História

ANTÓNIO DE FREITAS (2015), *Os deuses e a origem do mundo*. Lisboa, Quetzal Editores, 146 pp. ISBN978-989-722-227-6 (14.40€).

O presente volume define-se a si mesmo como sendo uma antologia de textos cosmogónicos, “que têm sido considerados fundamentais para a nossa civilização que, ainda chamada “ocidental”, descansa sobre os ombros de várias civilizações reconhecidas como “orientais”, em particular do chamado Próximo Oriente” (7-8). Ao longo dos 14 pequenos capítulos que compõem a obra, foram reunidos extractos de variada extensão para uma dúzia de unidades literárias de tema mais ou menos cosmogónico, intercalando com algum outro capítulo a servir de introdução ou de transição. Uma dúzia de temas pertencentes a outras tantas unidades literárias ficam a representar essencialmente as literaturas do Próximo Oriente (Mesopotâmia, Palestina e Anatólia) e finalmente da Grécia, acrescentando um texto da literatura védica, proveniente da Índia. Este concentrado de perspectivas cosmogónicas tem o seu núcleo de identidade situado em torno às civilizações antigas do Mediterrâneo. A própria Mesopotâmia não desdiz dessa pertinência cultural. É uma zona que tem implicadas cumplicidades ao nível da civilização partilhada e da sua mitologia fundamental, muito conotada com o espaço imaginário do Mediterrâneo.

Seria natural que, deste núcleo, fizessem igualmente parte as concepções cosmogónicas conhecidas do Egipto, até pela cumplicidade cultural e literária com que se apresentam relativamente a algumas das que foram apresentadas. É o caso, nomeadamente, das concepções recolhidas e provenientes da Bíblia. Não faltam cosmogonias na cultura egípcia; nem faltam divindades que andam profundamente implicadas no processo das origens do mundo. O próprio facto de, no conjunto das cosmogonias egípcias, se nos depararem perspectivas e processos bastante diferenciados uns dos outros daria como resultado um quadro comparativo mais alargado e, por consequência, também mais enriquecido.

O autor desta antologia, cujo nome, na sua forma completa, é dado como António José Gonçalves de Freitas (p. 152), é licenciado em Matemática, com pós-graduação na Universidade de Londres e doutorado na Universidade da Madeira com especialização em pensamento grego das origens. Como tal, é investigador pós-doc na Universidade do Minho. O núcleo do seu trabalho essencial situa-se, portanto, nos domínios da Grécia antiga. A associação do pensamento grego com a cultura hitita, que pôde estudar com ocasião da sua pós-graduação em Londres, representou a ponte para o seu acesso ao mundo das culturas orientais, tal como é dito no texto extra da lapela interna da capa. Uma vez ali, o fundo cultural das mitologias sumero-semitas expunha-se naturalmente diante dele, pela maneira como estas se articularam com as culturas de marca indo-europeia, como são a hurrita e a hitita.

É no capítulo I (p. 11-15) que é feito um apanhado teórico a relacionar o conjunto de textos da antologia. Nele se vê que, das dimensões temáticas sugeridas no título da obra, o essencial é mesmo a questão da origem do mundo, como objecto e fulcro de múltiplas interrogações. Quanto aos deuses, o seu papel aparece definido e, por vezes, também diluído, no suceder de matizes que o processamento da realidade implica. A estratégia de escrita consistiu em proceder por meios bastante simples, com a intenção de não sobrecarregar demasiado a tarefa do leitor. Fica-nos, no entanto, a impressão de que se poderia valorizar muito mais a oportunidade que se pretende oferecer aos leitores, tratando com maior amplitude quer os comentários textuais quer as sínteses temáticas. As notas de rodapé ficam, por vezes, a um nível bastante rudimentar.

O processo de antologia adoptado foi também, em alguns casos, excessivamente restrito, por quanto respeita a uma representação adequada de determinadas cosmogonias. O caso bíblico é paradigmático desta limitação. Para representar a cosmogonia bíblica, ficou o capítulo primeiro do Génesis, com comentários limitados aos termos *tohu* e *bohu*, que se destacam pelo seu aspecto pitoresco, mas que, infelizmente, resultam muito pouco produtivos, dado serem já termos como que petrificados. Os textos do Novo Testamento igualmente integrados nesta antologia não são propriamente cosmogonias; são essencialmente cristologias. Uma cristologia pode integrar conotações

de cariz cosmogónico. Mas uma exposição com esta intenção exigiria maior elaboração. A nota número 1 (p. 48) saiu particularmente confusa, uma vez que o verbo “criar” não pretende traduzir a expressão hebraica *bereshit*. Esta quer simplesmente dizer “no princípio” e está ali a definir a subtil relação com o tempo que anda pressuposta na referida cosmogonia. Logo a seguir à primeira Cosmogonia, o Génesis apresenta uma segunda versão da origem do mundo. Esta apresenta-se de maneira muito mais consentânea com o processamento das actividades que fazem a história do mundo, sejam elas físicas sejam humanas. O mundo origina-se da mesma maneira que o vemos a desenvolver o seu curso quotidianamente. Não é por falta de conteúdo interessante nem por falta de função específica para atribuir a Deus que o segundo conjunto cosmogónico da Bíblia ficou de fora desta antologia.

A mitologia suméria (p. 19-30) tem representação variada e algumas notas explicativas. Já o escasso material tocante à Babilónia (p. 31-37) ficou estranhamente muito diminuído, foi dividido por dois capítulos e apresentado praticamente sem comentários. Antologia e comentários relativos à mitologia hitita (p. 63-71) receberam um tratamento mais generoso do que as mitologias orientais, em geral, que foram anteriores e que serviram historicamente de base matricial para fundamentar a síntese empreendida pelos hititas. O pensamento cosmogónico do mundo grego ocupa seis capítulos e constitui a parte mais longa (p.75-120). Compreende-se, tendo em conta que o espaço nuclear de investigação do autor desta antologia se centra principalmente no mundo da Grécia. O propósito inicialmente formulado era, de certo modo, ver como a civilização ocidental repousava sobre os ombros de outras anteriores.

A comparação sintética entre a mitologia de Hesíodo e as do Médio Oriente, sublinhando que as mitologias orientais implicam o papel de deuses criadores de uma forma mais explícita e radical (p. 85) parece excessivamente simplificada. O pensamento oriental atinge matizes teóricos mais requintados. E a concepção de Deus ali actuante é de molde a poder considerar-se as suas funções na origem do cosmos de formas mais ou menos explícitas. Os deuses tanto são vistos no papel de agentes como são considerados como parte integrante da própria cosmogonia.

O capítulo mais extenso do livro (121-146) é, na verdade, o da bibliografia, a qual pretendeu ser o mais generoso possível, de modo a ser “de proveito para o leitor mais curioso e interessado” (9). O espírito de antologia, que foi assumido como intenção, condiz naturalmente com esta opção.

Quanto à tradução desta grande multiplicidade de textos, é declarado logo na capa que são “traduzidos das línguas originais”. Este aspecto aparece reforçado no texto da contracapa com a declaração de que “o objectivo é oferecer ao leitor português um conjunto suficientemente abrangente de textos - todos eles traduzidos das línguas originais pelo autor”. É certo que, no que diz respeito aos textos bíblicos, o autor declara ter-se servido, com algumas liber-

dades interpretativas, do texto da versão portuguesa da Bíblia de Jerusalém (p. 9). Entretanto, a amplitude da lista de línguas pressupostas e a sua profunda diversidade deixam claramente a impressão de que a insistência em declarar que as traduções são directamente feitas a partir do original terá seguramente a ver com os matizes próprios do dinamismo editorial, procurando entusiasmar os leitores, certamente com uma bem justificada intenção pedagógica. A realidade, no entanto, é que, nestes domínios, os mediadores de tradução tornam-se instrumentos praticamente incontornáveis. Basta considerar que, na própria cultura mesopotâmica, aqueles que traduzem directamente do original sumério ou do original acádico representam duas especializações que mutuamente se reconhecem como sendo complementares uma da outra.

O livro é precedido de um extra-texto, como poema epigráfico colocado antes do frontispício do livro, que foca o posicionamento de uma figura demiúrgica em contexto teórico de cosmogonia. A sua citação afigura-se pertinente, mas falta a indicação sobre a identidade e proveniência do texto. Concebido como um serviço pedagógico ao leitor, esta antologia está certamente no caminho pretendido.

José Augusto Ramos

Universidade de Lisboa, Centro de História

FRITZ GRAF (2009), *Apollo. (Gods and Heroes of the Ancient World)*, London, Routledge, xiv+190 pp. ISBN 978-0-415-31711-5 (£20.99).

O oitavo volume da colecção *Gods and Heroes of the Ancient World* é dedicado a Apolo. A colecção editada pela Routledge aposta na divulgação de estudos sobre alguns dos mais importantes deuses do panteão Grego, bem como heróis, destinando-se tanto a um público alargado e iniciante, como a outro mais especializado.

O A. do volume em recensão é Fritz Graf, professor de Grego e de Latim e director do Center for Epigraphical Studies at the Ohio State University, o qual tem vindo a realizar estudos aprofundados no âmbito da religião grega em geral, e do deus Apolo em particular.

A obra inicia-se com um índice e um prefácio assinado por Susan Deacy, a coordenadora da colecção, que insere o leitor nos seus objectivos. Porquê deuses e heróis? É a pergunta que se impõe. Como primeiro argumento, Deacy lembra o fascínio que as figuras mitológicas continuam a exercer sobre as sociedades actuais. Em segundo lugar, é imperativo levar ao conhecimento do público em geral um retrato, que se supõe fidedigno, dos deuses mais importantes da religião grega. Um breve texto, escrito por Fritz Graf, reforça a ideia de que, na base deste estudo, estão vários anos de pesquisa. Segue-se a lista das onze ilustrações utilizadas.